

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JOVEM GAY NO SITE *E-JOVEM.COM**

Sílvia Ribeiro da Silva**

Resumo: Neste artigo, procuro mostrar até que ponto textos apresentados na seção Tema do site e-jovem.com, destinado a jovens gays, propiciam um processo de identificação desse jovem, contribuindo para moldar sócio-historicamente sua identidade, favorecendo ou não um processo de estereotipificação. A partir de aspectos lingüísticos e sócio-culturais, procuro depreender e categorizar as escolhas lexicais que evidenciam o tipo de relacionamento que o autor do site estabelece com o internauta e as escolhas que mostram as imagens de jovem gay que o site quer construir. O corpus é constituído de cinco textos, assinados por Deco Ribeiro, editor executivo do site, extraídos no dia 07 de junho de 2006. A análise dos dados mostra que o editor do site acaba por lançar mão de escolhas lexicais que tendem a prescrever e proscriver o que o jovem internauta deve ou não fazer.

Palavras-chave: identidade; linguagem; discurso; gay.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem da mídia digital é hoje uma das mais difundidas e marcantes a que estão expostos grande parte dos jovens, independente da classe social. Enquanto instituição social, cultural e lingüística, a mídia digital constrói, através da linguagem, imagens de si mesma, de seu público e da relação que se estabelece entre esses participantes.

Dentre os papéis exercidos pela mídia digital, percebo que, como formadora de opinião, ela não só interfere na construção de identidades, positivas ou não, como também contribui para criar e/ou reforçar certos tipos de preconceitos e para incluir ou excluir indivíduos de determinados grupos sociais.

Minha intenção em realizar um estudo sobre a construção da identidade a partir da veiculação de textos em mídia digital se deve ao fato de a identidade ter se tornado um tópico central nas discussões de várias ciências, uma vez que uma

* Este trabalho contribui com as investigações referentes às práticas de reflexão sobre a língua desenvolvidas pelos integrantes do Grupo de Estudos da Linguagem: análise, descrição e ensino (UFG/CNPq).

** Professor da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí. Mestre em Lingüística. Doutorando em Lingüística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: <ssilva2@uol.com.br>.

das mudanças mais importantes em várias sociedades contemporâneas está diretamente relacionada à compreensão política de que a experiência humana não é limitada a um grupo étnico particular, a uma raça, a um gênero, a um modo de expressão da sexualidade (MOITA LOPES, 2002).

Pesquisando a ocorrência de estudos que verifiquem como se dá a construção da identidade de jovens *gays*, percebi sua inexistência. O comum são trabalhos que dizem respeito à identidade da mulher *beterossexual*, como, por exemplo, o de Figueiredo (1994), cuja análise de um texto da revista *Cosmopolitan* mostra que o discurso dessa revista transmite uma visão particular de agressividade sexual, feminina. Outro estudo, ainda na perspectiva do gênero feminino, é o de Ostermann (1994), em que é feita a análise de um texto da revista *Capricho*, o qual evidencia como ideologias marcadas na nossa sociedade são constituídas ou reforçadas. Esses trabalhos apontam o traço prescritivo/persuasivo como característica do discurso dirigido a um público adulto, feminino, *beterossexual* no caso. Nenhum deles, entretanto, aponta para o público jovem *gay*. Assim, acredito ser importante analisar como participantes envolvidos na construção de significado estão manifestos e agindo no mundo através da linguagem, e como estão, desse modo, contribuindo para a construção da identidade de gênero.

Segundo Moita Lopes (2002), se as identidades não estão nas pessoas, mas brotam da interação entre os interlocutores quando estes agem nas práticas discursivas em que estão inseridos, isto é, se as identidades são construídas no discurso, os indivíduos devem tomar consciência de como suas identidades são construídas socialmente, uma vez que o mundo social e as identidades não são fixas; estão sujeitas a mudanças e podem ser re-posicionadas.

Assim, este estudo pretende – abordando aspectos lingüísticos em especial – investigar como se dá a construção da identidade de jovens *gays* através do discurso veiculado por um site destinado a esse público em específico. Mais estritamente, objetivo evidenciar padrões recorrentes de escolhas léxico-gramaticais que prescrevem normas de conduta, construindo imagens e reforçando ou não estereótipos.

As principais questões que norteiam este estudo são: a) Que mecanismos lingüísticos usados nos textos em análise reforçam ou não estereotipificações, discriminações e categorizações? b) Quais os recursos lingüísticos utilizados nos textos para garantir maior interação e identificação entre autor e leitor? c) Que imagens estão subjacentes às escolhas léxico-gramaticais adotadas pelo autor desses textos? d) Os textos analisados contribuem para a construção da identidade de jovens *gays*? De que forma?

Para a discussão objetivada, divido este trabalho em 9 seções. De início, discuto a noção de gênero. Em seguida, meu foco está sobre a identidade sexual e a identidade de gênero, apresentando a contribuição de alguns teóricos a respeito do assunto. Na seção seguinte, apresento uma breve discussão sobre a formação da identidade juvenil, oportunidade em que comento questões ligadas à adolescência, em especial à adolescência do *gay*. Seguinte a essa discussão, apresento rapidamente o *site*, os dados constituintes do *corpus* e o olhar analítico que lanço sobre eles. Para encerrar, apresento as considerações finais, quando retomo o objetivo do trabalho, discuto as conclusões e apresento as referências bibliográficas das obras citadas no decorrer do mesmo.

2 A NOÇÃO DE GÊNERO

O termo gênero começou a ser utilizado por teóricas(os) e estudiosas(os) de mulheres e do feminismo no final da década de 70. Naquele momento, o movimento feminista ressurgia com força em todo o mundo, provavelmente por influência da onda revolucionária que percorrera a Europa, a China, a América Latina e os E.U.A, no final da década de 60, com os grandes movimentos estudantis e a contestação dos papéis e comportamentos sexuais. Betty Friedan, uma das primeiras lideranças internacionais do movimento, defendia o papel do trabalho criador para que a mulher, assim como o homem, pudesse encontrar-se e reconhecer-se como ser humano.

A partir daí surge, então, o conceito de gênero, formulado por pesquisadoras de língua inglesa, como Joan Scott e Gayle Rubin. No Brasil, segundo Rostagnol (2001), esta nova conceituação foi incorporada pela comunidade acadêmica no mesmo período.

Para Rostagnol, o termo gênero começou a ser utilizado justamente para marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física e/ou biológica. Como não existe natureza humana fora da cultura, a diferença sexual anatômica não pode ser pensada isolada do “caldo de cultura” no qual sempre está imersa. Ou seja, falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura. A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

A definição do gênero é obviamente mais complexa do que a simples determinação legal do sexo (registro civil), e isoladamente o ambiente não é capaz de causar mudanças na identidade dos indivíduos, ou tão pouco influenciar os comportamentos e as transformações idealizadas.

Ao fazer referência à categoria gênero, aponto para um debate que diz respeito à concepção do que é ser masculino e feminino, homem e mulher na sociedade, aspecto que interpela a experiência sexual dos sujeitos, modela o mundo dos significados eróticos, as transações sexuais, a realização do desejo e, em algumas circunstâncias, a própria obtenção do gozo. Nesse sentido, o gênero é um aspecto maleável do *eu* que torna possível que se reconheçam não apenas as semelhanças e igualdades existentes entre os sujeitos sociais homem e mulher-, mas os padrões de coerência cultural que existem em razão mesmo da diferença que os separa, as contradições lógicas e emocionais que fluem desta coexistência binária (SCOTT, 1991; HEILBORN, 1994).

Levando-se em conta os papéis sociais legados ao homem em nossa cultura, observo que ser homem não representa a mera oposição ao ser mulher, mas ao ser um 'veado', homossexual, 'maricas', 'corno', 'bicha', figuras que articulam representações de feminilidade, fraqueza, impotência, subordinação, passividade, nas considerações de Parker (1991). Esse fato deixa ver as formas como o homem é engendrado numa sociedade de tradição patriarcal, ou seja, a partir de valores hegemônicos e estruturas de poder que o diferenciam da mulher e que ao mesmo tempo moldam seu comportamento.

Segundo Connell (1995), existe uma narrativa convencional que vê o gênero como um molde social, no qual a personalidade da criança nasce pronta, como uma fábrica de chocolate. Ao invés da personalidade nascer pronta e acabada, Connell propõe que seja um projeto, coletivo ou individual, que vai sendo construído aos poucos.

Inserida dentro da noção de gênero, encontra-se a de identidade, identidade sexual e identidade de gênero, assuntos apresentados na seqüência.

3 IDENTIDADE SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO – RECORTES TEÓRICOS

O conceito de identidade é relativamente novo na história da humanidade. Surge no Iluminismo e vai conquistando espaço na medida em que as discussões

sobre a individualidade ganham importância. No início, se pensava em um “eu” monolítico e imutável. Tempos depois surgiu a idéia de um sujeito que se estrutura a partir de relações com outras pessoas. Por último surgiu a concepção na qual a identidade não é fixa ou permanente: a concepção do indivíduo pós-moderno. No dizer de Giddens (2002), a pessoa tem identidades múltiplas e as “veste” de acordo com o papel que exerce em um determinado momento: estudante, trabalhador, pai/mãe, marido/esposa, por exemplo.

As identidades sociais são fundamentais na construção social do discurso, posto que fornecem uma gama de informações que colaboram na construção conjunta dos significados. Como afirma Woodward (1997, p. 1), “a identidade nos dá uma idéia sobre quem somos, sobre como nos referimos aos outros e em relação ao mundo em que vivemos”.

O conceito de identidade de gênero e sexual foi iniciado por Stoller e Money há quatro décadas. Os trabalhos pioneiros destes autores, como nos mostra Moreira (1995), ampliaram a forma de pensar a relação homem/mulher, os conceitos de masculino/feminino, *homossexualidade*, transexualidade e o reducionismo biológico e psicológico.

Assim, identidade sexual é a persistência, unidade e continuidade da individualidade de uma pessoa como homem, mulher ou ambivalente, em maior ou menor grau, especialmente como é vivenciada em termos de autoconsciência e comportamento. Papel sexual é tudo que uma pessoa diz e faz, para indicar aos outros ou a si mesma o grau em que é homem, mulher ou ambivalente; inclui, mas não se limita, a excitação e resposta sexual. O papel sexual é a expressão pública da identidade sexual, e a identidade sexual é a experiência particular do papel sexual (MONEY; EHRHARDT, 1972, *apud* MONEY; TUKER, 1981, p. 12).

Silva (1999) define identidade de gênero como o conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma determinada sociedade, definindo quais os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de vestir, falar e andar, de forma semelhante para homens e mulheres. Para este autor, só existem dois tipos de gênero – masculino e feminino. As identidades de gênero tendem a estar em consonância com o sexo biológico do sujeito, porém não são estruturas fixas, encerradas em si mesmas; pelo contrário, podem e estão continuamente se renovando, em ebulição e a cada momento podem ser novamente moldadas de outras formas. Elas também são impostas pelo processo de socialização, que impede construções singulares. Apesar de não serem uma condição para a formação das identidades sexuais, elas estão intimamente ligadas à escolha afetiva e sexual do sujeito.

A identidade de gênero começa com a percepção de que se pertence a um sexo e não a outro. Esta percepção será dada inicialmente pelo processo de socialização enfatizado pelos pais, posteriormente pelos amigos, escola etc., e por aquilo que a cultura vai definir como papéis masculinos e femininos. O núcleo da identidade de gênero dá a convicção de que a atribuição do sexo foi correta. Ela impõe-se antes dos dois anos de idade e vai persistir até a idade adulta, quando a escolha do objeto sexual do sujeito estará mais ou menos definida (SILVA, 1999).

Alguns pesquisadores acreditam que o início do desenvolvimento da identidade de gênero ocorre na vida intra-uterina, a partir de estímulos hormonais produzidos de acordo com o sexo genético (ou gonadal) e, portanto, segundo um dimorfismo sexual estabelecido organicamente. Variações no ambiente fetal, decorrentes de fatores endógenos ou exógenos, podem induzir a uma produção hormonal discrepante do padrão geneticamente determinado e influenciar na identidade de gênero. Por outro lado, segundo Scott (1991), a identidade de gênero também pode sofrer influências do ambiente, pois quando a família tem conhecimento antes do nascimento (pelo ultra-som) do sexo biológico do feto, cria-se naturalmente uma idéia pré-formada das suas prováveis preferências, estabelecendo-se expectativas, planos, reações, roupas, brinquedos etc.

Durante a infância, a identidade de gênero permanece em um estágio incompleto, sendo que é nessa fase que os pais condicionam os comportamentos ou papéis de gênero através de suas atitudes, que divergem com o sexo dos filhos: as meninas são mais tocadas e acarinhadas, enquanto os meninos são mais incentivados a jogos com bolas e brincadeiras mais competitivas. Considera-se que essas atitudes parentais, assim como a oportunidade de experimentar (ou não) atividades estereotipadas de acordo com o sexo, sejam as influências ambientais mais importantes no desenvolvimento das identidades (PFROMM, 1976).

A identidade de gênero formada durante a infância e a fase escolar é reforçada pelos iguais, pela escola, que serve como um modelo importante, e pelas mudanças físicas que confirmam as imagens externas. As preferências pelos colegas do mesmo sexo já se manifestam entre 3 e 4 anos e o papel correspondente ao gênero é definido melhor nas interações, nos brinquedos e nas atividades.

Ainda não está adequadamente estabelecido o quanto é possível haver uma plasticidade no estabelecimento da identidade de gênero ou o quanto essa é uma característica inata. Ainda não se sabe ao certo qual (ou se realmente existe) o limite de idade a partir do qual não podem mais ocorrer modificações, mas acredita-se que a partir dos 6 anos já exista uma constância no gênero estabelecido. No entanto, uma identidade de gênero estável só é atingida na vida adulta, sendo expressa de

forma mais clara e perceptível no contexto da identidade sexual, que nem sempre corresponde à identidade desenvolvida durante a infância. Os dados sugerem que mudanças de gênero, após esse período, são muito difíceis, pois implicam em um processo de desaprender o gênero original e aprender um novo.

Observa-se que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas. Eles podem viver seus desejos e prazeres corporais de muitos modos. Suas identidades sexuais se constituíam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros(as) do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros(as). Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero. É evidente que estas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente *inter* relacionadas. A linguagem e as práticas muito freqüentemente as confundem tornando difícil pensá-las distintamente. O que importa considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas (cf. LOURO, 1997, p. 26-27).

Se o processo de construção das identidades de gênero e sexual envolve uma série de fatores externos e internos, o que interfere na construção da identidade do sujeito jovem (juvenil)? É o que apresento na seção a seguir.

4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL

A adolescência é tida como fase fundamental no processo de construção da identidade. As mudanças psicológicas que ocorrem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Este período é contraditório, confuso, ambivalente, doloroso e caracterizado por fricções com o meio familiar e social (ABERASTURY, 1992, p. 27).

“Imprensado” entre a infância e a fase adulta da vida, o jovem deseja reafirmar-se e conquistar espaço próprio. O adolescente busca pertencer a grupos, adota visual pouco comum e faz de seu corpo um “laboratório” de experiências. *Piercings*, brincos, tatuagens, cortes de cabelo e musculação são exemplos de manipulações que têm o objetivo de torná-lo diferente – e facilmente reconhecível. Para o jovem, a afirmação de sua(s) identidade(s) e a “construção” da aparência são processos que guardam estreita relação entre si.

Ainda conforme Aberastury (1992), vários elementos desempenham papel importante na construção da identidade juvenil. Tradicionalmente, família e escola ajudam o adolescente a criar referências de valores e comportamentos. Mas, nos

últimos 50 anos, os meios de comunicação passaram também a desempenhar tal papel – em uma disputa, às vezes conflitante, com pais e educadores. O que se vê neste início de milênio é que, em muitos casos, o contato com essas três dimensões da vida – família, escola e mídia – ocupa a maior parte do dia do garoto ou garota.

Se a construção – e reafirmação – da identidade é uma tarefa complexa para qualquer pessoa, para o jovem assume importância crítica. Aberto a experimentações, sensações e conceitos, o adolescente se vê diante de um vasto “cardápio de novidades”. Influências culturais diversas, mudanças sociais repentinas, transitoriedade de conceitos... A realidade se fragmenta. O caleidoscópio em que se transforma a vida torna a construção da(s) identidade(s) algo ainda árduo para quem começa a se preparar para a entrada no chamado mundo da vida adulta.

No caminho de construção da identidade, muitos jovens se descobrem *gays*. Para muitos, o caminho entre a descoberta e a aceitação é longo e doloroso. Muitos deles acabam por se sentir completamente “por fora” do mundo no qual vivem (MUSSEM, 1969).

Quando nasce uma criança, diz-se que ela é homem ou mulher, a partir do que apresenta em termos de genitália externa. Mas o ser mulher, bem como o ser homem, só começa com o reconhecimento de si mesmo ou a formação da identidade pessoal, passo inicial da estruturação da personalidade. A identidade de uma pessoa constrói-se após o nascimento, num processo simbiótico com as figuras parentais, em interação com o meio, até expressar-se como individualidade em atitudes e sentimentos sobre o *eu*.

No processo de construção da identidade do jovem, em especial do jovem *gay*, muitas influências ocorrem. Nos dias atuais, a influência da *internet* é considerável. Dentre as várias opções de “navegação” à disposição, alguns *sites* específicos tornam-se indicadores de caminhos a seguir. Um desses *sites* específicos para a comunidade jovem *gay* é o *e-jovem.com*, sobre o qual falo na próxima seção.

5 O SITE E-JOVEM.COM

O *site* foi colocado no ar no ano de 2001. Segundo seu editor, o jornalista Deco Ribeiro, cerca de 80% do público que acessa o *site* tem entre 14 e 21 anos. Os 20% restantes ficam preenchidos por *internautas* de outras faixas etárias.

Deco Ribeiro diz que o objetivo principal do projeto de criação do *site* foi

atingir o público jovem e adolescente em uma página voltada à sexualidade. O *e-jovem.com* não é simplesmente um *site* que fala de sexualidade, mas um *site* que fala de sexualidade adolescente, para adolescentes e escrito, em sua maioria, por adolescentes – e adolescentes *gays*.

O *site* tem uma média de 30 mil acessos por mês, sendo que cerca de 95% dos que acessam são do sexo masculino. O *e-jovem.com* está prestes a se tornar entidade, realizando encontros formais em várias cidades do Brasil, as quais acabam por criar seus próprios núcleos de participantes.

A página principal traz uma série de *links*. Esta página é dividida nas seções: *Tema*, *Fun*¹, *Colunas*², *Fórum*³, *News*⁴ e *Apoio*⁵. Embora exista a divisão em seções, algumas delas acabam por trazer a mesma informação repetidas vezes⁶.

Na página inicial aparecem alguns desenhos, como na maioria das páginas abertas através do clique nos diversos *links* do *site*. Os desenhos são coloridos e retratam jovens. Poucas fotografias são usadas. E quando são, a maioria retrata homens bonitos, fortes e atraentes. Não aparecem anúncios publicitários; apenas ícones dos *sites* que dão apoio ao *e-jovem.com*.

6 OS DADOS CONSTITUINTES DO *CORPUS*

Os textos da seção *Tema* são chamativos para o “consumo” do *site*, uma vez que a maioria explora assuntos que estão latentes no dia-a-dia dos jovens *gays*. O estímulo dado pelos títulos dos textos da seção é consolidado a partir do momento em que o *internauta*, com a possibilidade de encontrar respostas e orientação para suas dúvidas, e tendo necessidade de informação, passa a “consumir” cada vez mais o *site*.

¹ Nesta seção, aparecem charges, entrevistas e variadas informações sobre eventos e encontros cuja discussão central é a problemática da homossexualidade.

² Na seção colunas, os colunistas (Rick & Steve, Alvinho 14a, Sampaboy, Kid Dudu, Rogério Munhoz, Deco, Agnes & Rê, Ana Maria Ribeiro, Paulo Mariante, Fernando Pocahy) colocam suas opiniões e comentários sobre assuntos ligados à homossexualidade.

³ A seção Fórum é dividida em duas: Fórum dos Pais (dividido em Mães e Pais) e Fórum Teen (dividido em Ser e-jovem, Escola, Família, Amigos, Verão, Carnaval, Alistamento, Orgulho, Camisinha, Virgindade, Religião, Suicídio).

⁴ A esta seção são dedicadas as notícias sobre homossexualidade (jovem ou não) no mundo.

⁵ Nesta seção aparece uma enorme lista com endereços (eletrônicos e/ou não) de entidades e grupos de apoio a *gays* espalhados pelo Brasil separados por região, além do endereço do *Lesbian & Gay Community Services Center New York*.

⁶ Percebi isso nas seções *Tema* e *News*, por exemplo.

De maneira geral, os textos da seção *Tema* são informativos, prescritivos e interativos, uma vez que, além de informar, têm por função apresentar um discurso procedimental, com a pretensão de orientar o *internauta* em sua conduta perante alguns pontos. Os textos são escritos em linguagem bastante informal e fluida, com uma grande proximidade da oralidade e com expressões marcadoras de elocução, além de expressões próprias do cotidiano do jovem, numa espécie de “bate papo” pessoal do editor com o *internauta*, estabelecendo-se com isso uma interação forte entre esses participantes do evento discursivo.

Os textos que compõem o *corpus* de estudo são: a) Dormindo com o Inimigo, b) Circle Jerk, c) Tem que Usar, d) Difícil Orgulho, e) Os Cinco Passos, ou Como Agarrar seu Amigo Hetero.

De maneira geral, os textos falam de questões corriqueiras na vida de qualquer jovem gay, incluindo ocorrências que, de certa forma, afetam o seu comportamento em relação à família, aos amigos e às pessoas com quem ele convive. Aparentemente, a seção *Tema* é muito visitada, especialmente pelas “dicas” que oferece ao jovem⁷.

7 UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE OS DADOS

Para a análise dos recursos de linguagem, uso como padrão uma das metafunções propostas por Halliday (1985): interpessoal⁸. Busco analisar as escolhas lexicais que trazem preceito de conduta, tais como as diretivas realizadas através do imperativo e de normas, regras e técnicas que denotam prescrição; escolhas que têm a função de garantir a interação entre o *site* e o *internauta*, como, por exemplo, escolhas que suavizam a força dos enunciados (é bom, é melhor), escolhas que denotam afetividade (diminutivos), escolhas que estabelecem um diálogo mais íntimo (você, nós, a gente) e escolhas que trazem outras vozes para dentro da voz do editor do *site*.

⁷ Algumas dessas dicas chegam a ser curiosas. É o que observei no texto *Mão Naquilo, Aquilo na Mão!* (não integrante do *corpus*). Neste texto, são apresentadas “técnicas” básicas de masturbação (cerca de 40), ordenadas de acordo com o grau de sensação.

⁸ Segundo Halliday (1985), a função interpessoal reflete como o falante e o ouvinte, participantes da interação, expressam suas visões de mundo, julgamentos, atitudes, bem como as relações dos papéis sociais que estabelecem entre si e com o que está sendo dito. Portanto, diz respeito às identidades sociais dos participantes do evento discursivo. Isso significa, segundo Eggins (1994), que as escolhas lexicais variam levando-se em conta as relações entre os participantes de determinado contexto de situação. Além disso, essas escolhas dependem do envolvimento afetivo, da frequência de contato entre os participantes da interação ou ainda do status dos envolvidos.

7.1 Uso de diretivas indicativas de normas e regras a serem seguidas

A maioria dos textos apresenta marcas lexicais indicativas de qual postura o jovem *gay* deve seguir. Essa indicação é feita mediante variadas maneiras de prescrição que, de certa forma, acabarão por dirigir os passos do jovem.

(1) Texto 1

... E você *pode ir dando* uns toques...

...*Tenha* sempre em mãos...

... *acompanhe* sempre...

Não tenha vergonha...

Algumas vezes o editor distancia-se do *internauta*, colocando-se num nível superior de conhecimento e de experiência em relação ao assunto sobre o qual está tratando⁹.

(2) Texto 2

O que *eu vou fazer aqui* é *te dar uns toques* pra você driblar esse tipo de situação.

(3) Texto 3

Eu não sei vocês, mas *eu* respiro aliviado de só ter de tirar a camisinha, jogar fora e ver *meu pau limpinho*...

Em outras vezes, o editor busca mais aproximação com o *internauta*, em demonstrações de afetividade e solidariedade, através de escolhas lexicais que modalizam sua atitude frente ao *internauta*.

(4) Texto 1

Já ouviu falar de “Ame-o ou deixe-o?” *Você não pode se deixar. Se ame.*

No resto *a gente te ajuda*.

Nos cinco textos em análise neste trabalho, o editor sempre usa itens lingüísticos – grupos nominais – que denotam, de forma explícita, o teor prescritivo que é pretendido no texto em desenvolvimento. São escolhas lexicais indicativas de diretrizes e receituários, tais como técnicas, conselhos ou receitas.

⁹ Em relação ao conhecimento e experiência por parte do editor do *site*, convém dizer que ele tem 34 anos.

(5) Texto 1

O que *eu vou fazer aqui* é *te dar* uns toques pra *você driblar* esse tipo de situação. Pode chamar de um *Guia de Sobrevivência em Casa...* Vamos lá!

A instrução oferecida acima diz respeito a que postura o jovem deve tomar para se livrar de situações “embaraçosas” em casa com a família. Certamente o jovem seguiria as “instruções” dadas por esse guia, especialmente se se visse perante uma situação de desespero gerada por conflito em casa com os pais. Nota-se que o *site* parece querer dirigir a vida do jovem, a fim de que este acate os ensinamentos que lhe são propostos para a construção de sua identidade.

(6) Texto 2

Caso o clima esquentado demais ou alguém esteja abusando e você não queira prosseguir, um simples: “este não é um lugar apropriado para isso”, ou “não foi isso que combinamos”, basta. Se não bastar, levante-se e troque de lugar ou até mesmo saia do recinto. Deixe claro para os presentes que é OK alguém levantar e sair se sentir uma vergonha ou algum incômodo.

No recorte anterior, a proposta é a solução de um problema a partir de uma instrução na qual até o discurso a ser proferido pelo jovem é indicado. Seguindo o que é proposto, o problema estará resolvido.

No texto do qual foi retirado o recorte acima (texto 2), fala-se sobre o *Circle Jerk*, uma prática de masturbação em grupo. O *site* sugere que o jovem convide amigos, ou não, para a prática da atividade. Essa sugestão tende a ser perigosa caso o jovem convide para sua casa outros jovens que ele não conhece. Com isso, apresenta-se a indicação de uma prática de modo, pode-se dizer, irresponsável¹⁰.

(7) Texto 5

DICA: só evite beijo nessa primeira vez. Beijar homem é uma coisa complicada pra heteros. Envolve mais afetividade que tesão.

No recorte acima aparece, mais uma vez, a garantia de sucesso se o jovem seguir o que é proposto, instigando-o a se identificar com tudo o que está sendo apresentando. Como pode ser observado, o jovem parece estar sendo “programado” para seguir as regras e comportar-se exatamente de acordo com o modelo proposto.

¹⁰ O texto sugere que o jovem consiga companhia para a prática do *Circle Jerk* na *Internet* e que convide os “amigos” a irem para sua casa.

(8) Texto 4

... se você *gay* quiser namorar antes de ir morar sozinho/a, na maioria dos casos terá de enganar seus pais...

(9) Texto 5

Preparados para o segredo do milênio? “Como ficar com aquele amigo hetero gatinho que você sempre sonhou?” Divirta-se!

O uso dessas diretivas acima, através do emprego de imperativo e de demais formas que dão ênfase à força ilocucionária, inserem no discurso um caráter procedimental que tende a prescrever e proscrever ao jovem *gay* o que ele deve ou não fazer.

Nos recortes mostrados acima (em especial o recorte 9), parecem estar sendo utilizadas estratégias discursivas em tom conversacional, com uma informalidade bem presente, numa tentativa de maior aproximação com o público jovem. Escolhas lexicais como *segredo* e *sonhou*, por exemplo, dão o tom pretendido para o convite ao desconhecido, por isso mesmo instigante. Os jovens, sem perceber, provavelmente acabariam por acatar passivamente as prescrições que parecem lhes dar a garantia de sucesso absoluto e inquestionável.

Segundo Fowler (1979), o uso do imperativo envolve uma assimetria de poder que, aqui, tende a contribuir para a instauração de um exercício de controle através da criação das posições subjetivas de comandante – editor – e comandado – *internauta*. A presença constante desse modo verbal parece mostrar que, em virtude de o editor do *site* ser detentor de maior experiência e conhecimento, ele acaba por ser também detentor de maiores poderes. Indica também que os jovens *internautas*, em tese, estão sendo entendidos como sujeitos passivos e vulneráveis que acatam ordens prescritas.

Da forma como o *site* conduz as posturas que devem ser adotadas pelo jovem, acaba por dificultar a liberdade de escolha que as pessoas podem e devem ter. A liberdade concedida ao jovem, nesse caso, tem a forma de um doutrinamento, de um controle, sutil, que impõe a ele normas especiais de comportamento.

Na seqüência coloco mais alguns usos das diretivas:

(10) Texto 5

Ponha sexo na conversa de vocês.

(11) Texto 4

...*tenha* orgulho e *seja* feliz ou *abaixe* a cabeça e *seja* infeliz.

(12) Texto 2

... *distribua* as revistas, *ponha* pra rodar o filminho no computador ou *abra* aquela pasta secreta de fotos e *aperte* o *play* de seu vídeo.

No exemplo abaixo, o editor do *site* coloca de modo explícito a sua autoridade sobre o *internauta*, usando, como sempre, o imperativo, demonstrando um alto grau de afinidade com suas proposições.

(13) Texto 5

Preciso falar mais alguma coisa ainda?? *Precisa*. *Tome* a iniciativa. Só isso. *Vai*, sem medo. *É só partir* pro abraço. *Estica* o braço e *pousa* a mão no colo dele...

No recorte a seguir, percebe-se, pela força ilocucionária da diretiva, além da autoridade do editor sobre o *internauta*, a sugestão para a prática do consumo de álcool¹¹.

(14) Texto 5

O que fazer? *Cachaça nele!* Você conhece aquele ditado “c* de bêbado não tem dono”? Pois então... Nada demais, claro! Não é pro cara capotar – ou você! Basta sufocar o racional e deixar vocês dois mais safados um pouquinho.

Além da alusão ao consumo de bebidas alcoólicas presente nesse recorte, não parece adequado o *site* sugerir que o jovem beba e dê bebida a seu amigo pelo fato de que, caso eles não fiquem somente na masturbação, a perda da razão, sugerida pelo editor, possa fazer com que o jovem, movido pelo desejo e por essa perda de razão, deixe de usar preservativo, expondo-se ao risco de contração de doenças, inclusive AIDS.

Outra consideração que convém fazer em relação ao recorte 14 diz respeito ao fato de a diretiva acabar por colocar em questão o estereótipo de um jovem que, sozinho, não consegue um objetivo, não tem vontade nem gosto próprios, uma vez que precisa que alguém diga o que deve fazer para que ele consiga o que almeja, fazendo, talvez, até algo de que não goste¹². Além disso, fica claro no texto

¹¹ É bom lembrar que, segundo informação do próprio editor, a maior parte dos que acessam o *site* tem entre 14 e 21 anos. Para os que são menores de 18 anos, não parece muito ética a sugestão dada pelo editor de beber para conseguir seduzir o amigo hetero e fazer com que o amigo, que também pode ser menor de idade, beba.

¹² Continuo fazendo alusão ao fato de o *site* sugerir que o jovem beba e que alcoolize seu amigo no intuito de ser mais fácil a sedução.

uma total desconsideração do outro enquanto sujeito dotado de desejo, de prazer recíproco e voluntário que deve existir numa relação.

No recorte 15, a seguir, atenção deve ser dada para o final do texto, quando o editor, nas considerações finais sobre o que o jovem deve fazer para conquistar o amigo hetero, expõe o *internauta* a uma situação de risco, tendo em vista que o amigo pode ter atitudes homofóbicas. O texto do editor mostra que não seria *louco o suficiente* para usar as técnicas que ele mesmo sugere.

(15) Texto 5

Gostaram? Agora é com vocês – *ou com quem for louco o suficiente pra tentar isso na prática e arriscar levar um soco... :)*

É bom considerar, ainda, que a escolha lexical *louco* parece ter a intenção de minimizar a proposta bastante inadequada feita pelo editor. A expressão *agora é com vocês* busca eximi-lo de responsabilidades caso aconteça algo inesperado.

A partir dos exemplos com o uso do imperativo, percebe-se que por ser o editor o detentor do conhecimento e da experiência, sua relação social de poder sobre o *internauta* aparenta ser tão legitimada que parece não haver nenhum problema em seu exercício, uma vez que as diretivas prescrevem não só o comportamento do jovem *internauta*, mas também determinam até mesmo os limites e as possibilidades de pensamento, conceitos e valores que devem ser assimilados.

No exemplo a seguir, o editor usa escolhas léxico-gramaticais prescritivas que deverão ser interiorizadas pelo jovem para nortear a sua vida em relação à conquista do amigo hetero.

(16) Texto 5

Só isso. Não se trata de “Como abusar do seu Amigo Hetero”, mas sim de “Como ajudá-lo a sentir mais prazer com você”. Sim, porque qualquer pessoa, por mais hetero que seja, só não sente prazer com alguém do mesmo sexo por razões psicossociais – em outras palavras, por puro preconceito. Passando essa barreira, ele vai estar bem mais livre para se entregar ao prazer... e ninguém melhor que um amigo para conduzi-lo nesse processo.

O texto permite visualizar a intenção do editor de fazer com que o jovem vá em busca apenas do prazer. Atitudes como essas acabam por fazer com que o estereótipo de que o *gay* é um sujeito cujo pensamento central é o sexo fique cada

vez mais evidente. A atitude do editor do *site* não ajuda em nada a fazer com que o *gay* seja melhor aceito socialmente, uma vez que, “atacando” um amigo hetero, poderá fazer com que esse amigo, que talvez não o via com os estereótipos tão comuns, passe a vê-lo.

Além disso, o texto fornece evidências de uma posição do editor de que somente são válidos o sentimento e o juízo de valor do jovem *gay*, desconsiderando-se os valores identitários, possivelmente já definidos, do heterossexual.

De acordo com a análise aqui realizada, apesar de a maioria das diretivas usadas pelo editor trazer em si o indicativo de não ser muito eficiente para ajudar o jovem na descoberta de sua sexualidade e na construção de sua identidade, alguns recortes merecem atenção por conterem um fator positivo.

(17) Texto 3

TEM QUE USAR CAMISINHA!!!

(18) Texto 1

Combata comentários maldosos

Não tenha vergonha de encarar sua homossexualidade

(19) Texto 4

Viva o orgulho *gay* e abaixo o preconceito e a ignorância da nação!

7.2 Escolhas dialógicas

Na tentativa de estabelecer um alto grau de intimidade e informalidade, o texto do editor se mostra como um bate-papo informal entre amigos. Para isso, usa recursos de linguagem que possibilitam o envolvimento e a identificação do jovem com o que está sendo prescrito, a exemplo das temáticas abordadas: como se masturbar, como “ficar” com o amigo hetero, como “driblar” uma situação embaraçosa em casa com a família, etc.

Apesar de o interlocutor da prática discursiva estabelecida através do *site* ser desconhecido do editor, os textos mostram que este projeta um perfil idealizado de seu público alvo, considerando suas características relevantes, seus anseios e expectativas. Com o uso do pronome “você”, que tem uma função interpessoal, tenta trazer o jovem para dentro do texto, numa tentativa de deixá-lo mais engajado, para garantir a interação.

Fowler (1979) comenta que o pronome “você” é freqüentemente usado em artigos dirigidos ao comportamento do indivíduo e às suas reflexões acerca desse comportamento. Alega, ainda, que o uso desse pronome na maior parte das vezes é indício do desejo do autor de manipular o leitor.

O pronome “você” aparece em todos os textos; já sua flexão plural aparece nos textos 2, 3 e 5. O texto 5 é o que apresenta maior número de ocorrências dessa flexão. O texto 1 é o que apresenta o maior número de ocorrências do “você” singular.

Na sequência coloco algumas ocorrências do pronome “você”:

(20) Texto 1

Como mudar a cabeça duma família que não sabe que *você* é gay?
Não é da conta de ninguém o que *você* faz ou deixa de fazer sexualmente...
Você contando logo, *você* tem muito mais moral pra coibir os comentários maldosos.

(21) Texto 2

...aceitam numa boa esta prática principalmente se eles entrarem com o pênis e *você* com a mão.
Antes de mais nada, *você* precisa de um lugar.
Um lugar tranquilo, onde *você* e seus amigos não sejam incomodados e não incomodem ninguém.

(22) Texto 3

Garotos de 14 a 24 anos, que freqüentam as mesmas boates que *você*, os mesmos chats que *você*, os mesmos dark rooms que *você*...

(23) Texto 4

...se essa foi a opção escolhida por *você*,...
...que *você* nasce com isso,...
A pior reação de pais “liberais”, pode vir quando **você** ainda não transou com uma garota,...

(24) Texto 5

“Como Ajudá-lo a Sentir Mais Prazer com *Você*”.
Só tente fazer isso se *você* tem segurança na amizade...
Se *você* teve o bom senso antes e mesmo assim resolveu seguir em frente,...

Não são muitas as ocorrências de “nós” ou “a gente”. O “nós” só aparece nos textos 3, 4 e 5; “a gente” aparece nos textos 1 e 3.

Abaixo coloco cada uma dessas ocorrências seguidas de comentários:

(25) Texto 1

Se *a gente* quer que a coisa mude na sociedade em geral,...
(por exemplo, acompanhe sempre os fatos marcantes pra comunidade GLBT que *a gente* oferece toda semana na seção News...).
No resto *a gente* te ajuda.

(26) Texto 3

A gente que vive e convive com adolescentes...

Às vezes *a gente* olha a camisinha suja,...

E, cá entre *nós*:...

(27) Texto 4

...e porque sendo *nós* mesmos, é o único meio de sermos felizes.

(28) Texto 5

Todos *nós* temos um lado racional e um lado emocional...

Fowler (1979) diz que o pronome “*nós*”, de acordo com seu uso, pode ser inclusivo ou exclusivo, sendo inclusivo quando se refere ao escritor e ao leitor do texto. Essa ocorrência aparece nos exemplos 26, 27 e 28. É exclusivo quando inclui o próprio escritor e as outras pessoas, mas exclui o leitor. Não houve ocorrências dessa natureza no *corpus* em estudo.

Estendendo essa regra ao pronome “*a gente*”, tem-se o inclusivo nos exemplos 25 (primeira ocorrência mostrada) e 26 (segunda ocorrência mostrada). O exclusivo é mostrado nos exemplos 25 (segunda e terceira ocorrências) e 26 (primeira ocorrência mostrada).

A substituição de “*nós*” por “*a gente*”, presente nos textos 1 e 3, é uma estratégia de informalidade que é muito constante na oralidade. Às vezes o pronome “*nós*” é expresso nos textos simplesmente através da desinência número pessoal *—mos*, conforme pode ser visto nos recortes abaixo¹³:

(29) Texto 1

...*temos* que começar a tentar mudar o comportamento de nossas próprias famílias.

Vamos lá:...

...*caímos* novamente no item 5)...

(30) Texto 2

...*iniciemos* o nosso assunto tocando nesta ferida e elucidando esta cruel dúvida.

Quem já viu o filme “*Sleepers*” sabe do que *estamos* falando...

“Não foi o que *combinamos*”

¹³ Também nesses exemplos pode ser aplicada a teoria de Fowler sobre o pronome ser usado com a finalidade de inclusão ou exclusão, embora o pronome não apareça explicitamente.

(31) Texto 4

...onde *temos* derrotas e vitórias,...

...que ainda não *temos* como provar isso,...

...que eu sou gay, mas não *podemos*.

Sabemos que se trata de uma visão preconceituosa, pois se dizemos ser heteros ou homos, é pela atração sentida, e não por já ter experimentado ou um ou outro, e feito a conclusão, pois creio que *sejamos* inteligentes o suficiente para *dizermos* do que *gostamos*.

Resumindo, *temos* de ter orgulho do que *somos*, pois *somos* o que *pensamos*, e não o que a sociedade acha que *deveríamos* ser, (...) é o único meio de *sermos* felizes.

(32) Texto 5

Tudo o que não *queremos* é o nosso pretendente caindo em si...

...é esse lado emocional que *temos* que trazer à tona,...

Quando o editor se inclui, de maneira explícita, através do pronome, ou de maneira implícita, sem uso do pronome, usa de uma estratégia que tende a diminuir o teor de imposição, fazendo com que ele seja projetado como pessoa, apagando, temporariamente, seu papel institucional, colocando-o, ainda, na mesma posição do *internauta*.

O uso dessa estratégia indica o interesse em compartilhar situações entre o editor e o *internauta*, demonstrando aproximação, intimidade, solidariedade na relação entre os participantes, fazendo com que a hegemonia da instituição exista, mas de forma menos evidente. Assim, ideologias veiculadas tendem a ser impostas com menor rejeição por parte dos *internautas*.

7.3 Escolhas com função de garantir a interação

O texto do editor traz alguns recursos de linguagem que mostram a intenção de seu autor de garantir o engajamento do *internauta* no discurso e, conseqüentemente, garantir a interação. Algumas vezes, o uso de certas orações contendo escolhas léxico-gramaticais aparenta ter a função de atenuar a autoridade do editor, uma vez que são colocadas de forma impessoal, suave, menos diretiva, sem deixar, no entanto, de prescrever algo, como no recorte a seguir.

(33) Texto 2

Masturbação não dá espinhas e nem faz crescer cabelos nas mãos, mas para não ser surpreendido por alguém *é bom* tomar alguns cuidados.

O uso de um recurso interpessoal (é bom) imprime ao discurso do editor um tom conversacional e de informalidade, camuflando a existência de uma relação de dominação, deixando transparecer certa aliança de intimidade e cumplicidade, fazendo com que o editor assuma a posição de amigo e conselheiro, uma vez que quem é amigo pode dar conselho.

Essa forma modalizada faz com que a força do discurso seja atenuada e reduzida: o uso dá a entender que o que se pretende é fazer uma sugestão, dar um conselho, não uma imposição. A ênfase é dada aos benefícios que o jovem estará assegurando para si próprio se agir conforme o que está sendo ensinado. Isso mostra um comprometimento do editor com sua audiência. Esse comprometimento aparenta uma tentativa de inculcar novos valores no jovem *gay*.

A opção pelo item lexical “é bom tomar” no lugar de “tome” reduz a força impositiva do editor sobre o *internauta*. Isso tende a fazer com que se consiga, de forma atenuada, incutir valores, crenças e conhecimentos, os mais variados, propostos pelo *site*.

Na tentativa, possivelmente, de manter uma relação de afinidade com o *internauta*, o *site* apresenta marcas lexicais que são uma importante característica de modalidade.

(34) Texto 1

Se eles perguntarem diretamente, te colocarem na parede, aí você pode resolver se conta ou não – *você ainda pode sair pela tangente e falar* que não é da conta deles...

(35) Texto 2

Esse papo *pode ser feito* de maneira bem divertida...

(36) Texto 5

Você *não pode ter* nenhum compromisso ou horário, ele *não pode ter* nenhum compromisso ou horário.

Os itens que expressam modalidade, nos recortes acima, não deixam de evidenciar marcas lingüísticas de imposição. Percebe-se que o editor é aquele que dita as regras de conduta. Ao invés de dizer “tem que” ou “não tem que”, que é diretivo e denota imposição, o editor usa “pode” e “não pode” que são mais suaves. Com isso, passa-se ao *internauta* a sensação de que ele tem o poder de decisão, quando na verdade está se encaixando em uma ideologia cuja intenção é a de manter privilégios adquiridos ao longo do tempo.

7.4 Uso do Diminutivo

Na tentativa de retratar um discurso de envolvimento, com foco na afetividade e nos sentimentos, com demonstração de afeto entre o editor e o *internauta*, aparecem os diminutivos em estilo conversacional.

O uso do diminutivo indica que o que se pretende é a criação de um cenário em que o *internauta* imagina compartilhar com o editor dos mesmos desejos, valores e sentimentos. Assim, o texto simula uma simetria do editor com o *internauta*, tentando conquistar sua simpatia e confiança.

(37) Texto 1

Pô, cara, nada a ver essas *piadinhas*.

Essa é *curtinha* e simples.

Só mais uma *coisinha* antes de terminar...

(38) Texto 2

...ponha pra rodar o *filminho* no computador...

...uma coisa vai levar a outra *rapidinho*...

(39) Texto 5

...aquele amigo hetero *gatinho*...

Basta você sufocar o racional e deixar vocês dois mais safados um *pouquinho*.

Vai provocando, deixando ele *doidinho*...

Além de o uso do diminutivo evidenciar o estereótipo de feminilidade ligada ao *gay*, ele também explicita a construção da imagem de um jovem infantilizado, frágil e ingênuo.

7.5 Perguntas

As perguntas feitas pelo editor aparentam também uma ênfase na função interpessoal da linguagem, uma vez que pressupõem afinidade alta com a proposição a qual é compartilhada entre quem escreve e quem lê. O texto parece querer simular uma conversa com o *internauta*.

(40) Texto 1

Como mudar a cabeça duma família que não sabe que você é gay?

Seus pais te contam da vida sexual deles?

Como você vai querer mudar a cabeça da sua família se você próprio nega o que você sente?

(41) Texto 2

Espertinhos eles, não? ?

Se você estiver no pique, por que não?

(42) Texto 3

Compensa, por alguns minutos de excitação?

(nem preciso entrar em detalhes, preciso?).

(43) Texto 4

...viver sua sexualidade é uma opção, se essa foi a opção escolhida por você, por que não sentir orgulho da mesma?

(44) Texto 5

Preparados então para o segredo do milênio? “Como ficar com aquele amigo hetero gatinho que você sempre sonhou”?

Você sabe, e não faria isso com gente olhando, certo?

Tudo o que não queremos é o nosso pretendente caindo em si e surtando, estragando o clima, não é?

As perguntas “certo?” e “não é?”, presentes no último recorte acima, não são utilizadas com a intenção de obter informações, mas como forma de conseguir a adesão. Elas também fazem com que não seja possível o uso de contestação, pois antecipam uma resposta positiva. Dessa forma, fica criado um cenário de informalidade, simulando-se uma conversa bem informal, espontânea e íntima, o que evidencia, assim, uma atitude pretendida de estreitamento das relações entre os interlocutores. Isso, possivelmente, faz o *internauta* pensar que tomará uma decisão, quando na realidade está sendo conduzido a pensar e agir de acordo com o que é prescrito.

7.6 Intertextualidade

Vogt (1980) afirma que a pluralidade de vozes – polifonia – aparece em função da intertextualidade que é trazida para dentro do texto que está sendo construído. Esse recurso oferece ao editor a possibilidade de não trazer para si as responsabilidades sobre tudo o que está sendo dito, atribuindo essa responsabilidade a um enunciador estranho.

Embora as vozes que aparecem nos textos não tenham um produtor explícito, elas acabam não sendo ideologicamente neutras, mesmo que assim aparentem, pois acabam por remeter a uma visão de mundo investida de intenções, uma vez que reveste de novas significações a palavra do outro (cf. BAKHTIN, 1929).

(45) Texto 1

Alguém já disse que *‘Toda revolução começa dentro de casa’*.
Já ouviu falar de *“Ame-o ou Deixe-o”*

(46) Texto 3

...tem muito garoto lendo isso e dando risada. *“Camisinha pra quê?”*, dizem eles, *“Não vai acontecer comigo, eu não conheço ninguém com AIDS”*.

(47) Texto 4

E aí se perguntam, *“como ter orgulho de ser gay nessas condições?”*

(48) Texto 5

Você conhece aquele ditado *“C* de bêbado não tem dono?”*

Beaugrande e Dressler (1981) afirmam que a intertextualidade deve ser considerada como fator importante numa pesquisa, seja ela experimental ou empírica, sobre textos, tendo em vista que a multiplicidade de vozes denota idéias e convicções a respeito do mundo. Dessa forma, através da intertextualidade, os escritores demonstram suas crenças, objetivos, posições, transmitindo idéias que criam imagens e perpetuam estereótipos.

7.7 Escolhas de argumentação

As negativas são usadas pelo editor como um recurso de argumentação. O item lexical “não” aparece 101 vezes no *corpus* em estudo. Embora não seja um número alto de ocorrências, não deixa de ser importante para a análise.

Pagano (1994) diz que as negativas são utilizadas por duas razões principais: rejeitar sugestões e negar afirmações. A autora argumenta que, quando a negativa nega afirmações, expressa o ponto de vista do autor do texto em relação a um aspecto específico da realidade – que significa a indicação do predomínio de um forte componente ideacional.

Torna-se conveniente comentar as negativas porque estas *suscitam questionamento quanto ao que o produtor do texto tinha em mente ao usar uma negativa* (PAGANO, 1994, p. 253).

A seguir apresento alguns exemplos de uso do item lexical “não”.

(49) Texto 1

Não é da conta de ninguém o que você faz ou deixa de fazer sexualmente...
Não se sai por aí prestando contas da sua vida sexual.
Então você também *não* tem obrigação nenhuma de sair por aí falando que é gay...

No recorte anterior, aparece claramente a tentativa do editor de argumentar com o *internauta*, tentando persuadi-lo a assumir uma postura contrária à outra que, para o editor, parece não ser a mais interessante. Além disso, o editor demonstra certa grosseria na forma como diz que ninguém precisa saber o que o jovem faz sexualmente, ou que não é preciso prestar contas da vida sexual.

Mais alguns exemplos abaixo.

(50) Texto 2

Masturbação *não* dá espinhas e nem faz crescer cabelos nas mãos...
... ter certeza de que isso *não* vai virar a fofoca da escola depois.
Só se certifique de que ele *não* vai levar um maníaco pra sua casa.

(51) Texto 4

Não se escolhe ser gay...
... você *não* tem como dizer que *não* gosta...
... vão dizer que *não* é uma opção ser *gay* ou hetero,...

Nos recortes abaixo, outra postura um tanto agressiva por parte do editor no primeiro exemplo. Ao usar o item lexical “trouxa”, precedido de uma negativa, ele tende a incutir na cabeça do jovem a idéia de que se não seguir o que está sendo determinado é um “trouxa”. No segundo, aparece a indicação, mais uma vez, de um procedimento a ser realizado.

(52) Texto 5

Não seja trouxa de tentar isso com mais alguém por perto...
Você *não* pode ter nenhum compromisso...

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propus uma discussão sobre a identidade formada através da mídia digital, buscando compreender como o processo de construção de identidade é desenvolvido na interação entre o *internauta* e textos veiculados na seção **Tema** do site *e-jovem.com* destinado a jovens *gays*.

Busquei observar o discurso utilizado no *site* a partir de seu uso social e da provável interação entre os interlocutores em um dado contexto sócio-histórico-ideológico, embora não tenha me ancorado exatamente na perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso.

Assim, partindo da observação das escolhas léxico-gramaticais usadas pelo editor do *site*, verifiquei que ele usa diferentes recursos de linguagem para estabelecer uma relação interpessoal com o *internauta* e para veicular a imagem de *gay* que se quer construir, bem como a identidade pretendida.

A observação dessas escolhas léxico-gramaticais fez com que fosse possível identificar a posição de assimetria em que o editor se coloca na relação com o *internauta*. Aquele interage de acordo com a posição social e cultural que estabelece para si e para este. Para que isso se efetive realmente, o editor parece monitorar suas falas de acordo com regras institucionalizadas, mostrando aí uma relação de comando segundo a qual o comandado, paradoxalmente, pode desenvolver a crença de que é livre e de que está tomando suas próprias decisões.

As escolhas lingüísticas evidenciam a ação de ideologias dominantes, postas em marcha a partir de um discurso procedimental que prescreve regras e normas, orientando o *internauta* àquilo que deve ou não fazer, controlando suas atitudes e comportamentos.

Essas escolhas reforçam certos estereótipos, formando uma estrutura de valores como se fossem verdades únicas que passam a dirigir a vida do jovem, estabelecendo-se, com isso, uma relação hegemônica do *site*/instituição para com o *internauta*.

A tentativa de camuflar essa hegemonia mostra-se no uso de estratégias lingüísticas de eliminação qualquer marcador explícito de poder. Assim, com a simulação de informalidade e solidariedade, cria-se a ilusão de proximidade, de simetria, de compartilhamento de idéias entre os participantes sociais do evento discursivo.

O uso de diretivas (imperativo), diminutivos, pronomes (você, nós, a gente) e de recursos de intertextualidade mostram que o discurso veiculado no editorial do *site* analisado garante a interação entre o editor e o *internauta*, fazendo com que este se solidarize e aceite, passivamente, a autoridade daquele, como sendo o que detém o conhecimento, a experiência, e, conseqüentemente, o poder.

Uma primeira impressão produzida por esses textos é a de que todos os jovens *gays* fazem parte do universo pretendido pela instituição, independente de classe social e econômica, raça, etc. Porém, tendo em vista o fato de que a *Internet* ainda não é consumida por uma grande parcela da sociedade, especialmente a que vive em regiões mais afastadas dos centros econômicos, arrisco a dizer que o *site* é produzido para o jovem estudante, de cor branca, das classes média e alta.

Apesar de não ser meu interesse a análise semiótica das fotos e imagens veiculadas no *site*, percebi que retratam a figura do jovem *gay* branco; não há

menção a jovens *gays* negros. Com isso, conclui-se que o *site* privilegia uma raça a partir de critérios ancorados no senso comum.

Por conta de todas as normas, regras e técnicas que o *site* apresenta, ele se mostra como pretendendo funcionar à maneira de um guia para o jovem atribulado por dúvidas a respeito de sua sexualidade.¹⁴

É inegável o poder e o papel dos meios de comunicação de massa na produção, circulação e transformação de conhecimento, valores e crenças, bem como na manutenção de preconceitos, imagens e estereótipos, contribuindo para a construção de identidades sociais.

A partir dessas considerações, gostaria de dizer que é importante um estudo sobre práticas discursivas da mídia, digital ou não, pelo fato de que pode revelar como autor e consumidor podem influenciar e ser influenciados partindo das interações estabelecidas e das imagens edificadas. Um estudo desse tipo pode ser útil para uma melhor compreensão da natureza social do discurso e de sua influência na construção de identidades, uma vez que é através da linguagem que nossas identidades são construídas nas práticas sociais, sendo que estas interferirão nos significados que construímos na/da sociedade.

Não tenho certeza de que reação este estudo poderia gerar se levado ao público para o qual o *site* é destinado. Essa consideração se solidifica até porque não se trata de um estudo total do *site*, mas somente de uma seção dentre as várias que ele apresenta. Porém, certamente, se os jovens *gays* tivessem acesso à análise aqui feita, poderiam tomar consciência de que se pode agir através do discurso e que, sendo as identidades sociais construídas e mantidas através de práticas discursivas, elas também podem ser reconstruídas discursivamente. Assim, possivelmente este estudo poderia ajudar a tornar mais transparente a ideologia veiculada pelo *site* (embora não tenha feito análise dos textos das outras seções, hipotetizo que não são muito diferentes dos da seção **Tema**), fazendo com que os jovens *gays* tenham uma visão mais crítica do discurso usado, oferecendo a eles o conhecimento necessário para iniciar a mudança em suas próprias práticas discursivas e nas das comunidades onde vivem.

Este trabalho poderia ter demonstrado algo mais sobre a construção da identidade do jovem *gay* se tivesse sido possível entrevistar *internautas* consumidores do *site* para que se pudesse ter uma visão do ponto de vista do interlocutor do *site* sobre a forma como os textos da seção **Tema** são colocados.

¹⁴ Não sou contra manuais de ajuda, mas não parece conveniente a forma como o *site* conduz as posturas do jovem, querendo fazer com que ele se torne dependente de suas prescrições e proscições, além de querer ser um “porto seguro”.

Um estudo futuro poderia ser feito com base nessas entrevistas para investigar que critério é usado para escolha do *site* e não de outro, já que existem outros destinados ao público jovem *gay*, que seção é considerada mais interessante e por que, o que as demais seções trazem quanto à formação da identidade, de que forma os jovens julgam estar interagindo com o editor, enfim, como reagem diante do que lêem no *site e-jovem.com*.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1929.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. **Educação e realidade**, v. 20, n. 5, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Printer Publisher Ltda, 1994.
- E-JOVEM.COM. Desenvolvida por Deco Ribeiro. Disponível em <<http://www.e-jovem.com>>. Acesso em 07 de junho de 2006.
- FIGUEIREDO, D. C. Como ser assertiva e politicamente correta na cama: sexualidade feminina na revista. **The specialist**, v. 16, ns. 1/2, São Paulo: Cepril; PUC-SP, p. 137-150, 1994.
- FOWLER, R. H. **Language and control**. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade**: um olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

- MONEY, J.; TUCKER, P. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MOREIRA, R. L. B. D. Crítica ao modelo interacionista da identidade de gênero. **Revista brasileira de sexualidade humana**, v. 6, n. 2, p. 210-218, 1995.
- MUSSEN, P.H. **O desenvolvimento psicológico da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- OSTERMANN, A. C. Bonita de doer: análise crítica do discurso em revistas para meninas adolescentes. **The specialist**, v. 16, ns. 1/2. São Paulo: PUC-SP, p. 151-162, 1994.
- PAGANO, A. Negatives in written text. In.: COUTHARD, R. M. (Ed). **Advances in text analysis**. London: Routledge, 1994.
- PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. Trad. de Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PFROMM, S. M. **Psicologia da adolescência**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ROSTAGNOL, S. **Cuerpo y gênero: el género en la construcción de cuerpo sexuado**. Montevideo: Centro de Estudios Interdisciplinarios del Uruguay; Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación; Trilce, 2001.
- SCOTT, J.W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.
- SILVA, S.G. O Conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. **Revista brasileira de sexualidade humana**, v. 10, n. 1, p. 71-85, 1999.
- VOGT, C. A. **Linguagem, pragmática e ideologia**. Campinas: Funcamp; Hucitec, 1980.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido em 31/10/05. Aprovado em 23/05/06.

Title: The building of a young gay identity in the site *e-jovem.com*

Author: Sílvia Ribeiro da Silva

Abstract: In this article I investigate if the texts presented in the section *Tema* at the website *e-jovem.com*, addressed to young gay men, represent the socio-historical identities of its readers in stereotypical ways or not. Based on linguistic and socio-cultural aspects, I endeavor to describe and categorize the lexical decisions that evince the type of relationship the site author's establishes with the internet user and the choices that show the kind of image of gay youth the site wants to build. The corpus includes five texts, signed by Deco Ribeiro, executive editor of the site, accessed on June 7th 2006. The analysis of the data indicates that the editor of the site makes lexical choices that tend to prescribe and proscribe what the young gay reader must or must not do.

Keywords: identity; discourse; language; gay.

Titre: La construction de l'identité du jeune homosexuel dans le site *e-jovem.com*

Auteur: Sílvio Ribeiro da Silva

Résumé: Dans cet article, je cherche à montrer jusqu'où des textes présentés dans la section Thème du site *e-jovem.com*, destiné aux jeunes homosexuels, rendent possible un procès d'identification de ce jeune, aidant à façonner socio-historiquement son identité, favorisant ou non un procès stéréotypique. À partir d'aspects linguistiques et socio-culturels, je cherche à faire sortir et à classer les choix lexicaux qui mettent en évidence le type de rapport que l'auteur du site établit avec l'internaute et les choix qui montrent les images de jeune homosexuel que le site veut construire. Le corpus est constitué de cinq textes, signés par Deco Ribeiro, éditeur producteur du site, extraits le 7 Juin 2006. L'analyse des données montre que l'éditeur du site prend la liberté dans les choix lexicaux qui ont la tendance à prescrire et proscrire ce que le jeune internaute doit ou ne doit pas faire.

Mots-clés: identité; langage; discours; homosexuel.

Título: La construcción de la identidad del joven gay en el sitio e-jovem.com

Autor: Sílvio Ribeiro da Silva

Resumen: En este artículo busco mostrar hasta qué punto textos presentados en la sección Tema del sitio e-jovem.com, destinado a jóvenes gays, propician un proceso de identificación de este joven, contribuyendo para moldar socio históricamente su identidad, favoreciendo o no un proceso de estereotipo. A partir de aspectos lingüísticos y socio culturales, busco entender y categorizar las elecciones lexicales que evidencian el tipo de relación que el autor del sitio establece con el internauta y las elecciones que muestran las imágenes de joven gay que el sitio desea construir. El corpus está constituido de cinco textos, firmados por Deco Ribeiro, editor ejecutivo del sitio, extraídos el día 07 de junio de 2006. El análisis de los datos muestra que el editor del sitio utiliza elecciones lexicales que tienden a prescribir y proscribir lo que el joven internauta debe hacer o no.

Palabras-clave: identidad; lenguaje; discurso; gay.